

ARTIGO

APELLES PORTO ALEGRE:

A ATUAÇÃO DE UM INTELLECTUAL MEDIADOR NO RIO GRANDE DO SUL (1850-1917)

CHÉLI NUNES MEIRA

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7432-0264>

EDUARDO ARRIADA

Doutor em Educação pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e Pós-doutorado na University of Illinois at Urbana-Champaign, nos Estados Unidos. Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas no Curso de Pedagogia (FAE/UFPel).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5216-2739>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo compreender a atuação de um intelectual mediador, no caso, do professor Apelles Porto Alegre. Neste sentido, este trabalho se apoia nos estudos de Gomes; Hansen (2016) e Sirinelli (2003, 1998). Parte substancial das fontes utilizadas constitui-se do acervo pessoal de Apelles, além de textos publicados na Revista do Parthenon Literário e no Jornal *A Imprensa*. Ao observar a trajetória do professor Apelles, entende-se o seu papel como intelectual mediador no envolvimento com a comunidade e na transmissão do seu conhecimento, seja em sala de aula, ou nos seus escritos. Enquanto intelectual mediador, atuando como professor ou jornalista, ele construiu redes de sociabilidades viabilizando o reconhecimento da sociedade da época.

PALAVRAS-CHAVE: Intelectual Mediador; Apelles Porto Alegre; História da Educação; História do Rio Grande do Sul.

APELLES PORTO ALEGRE:

THE DEEDS OF AN INTELLECTUAL MEDIATOR IN RIO GRANDE DO SUL (1850-1917)

ABSTRACT: This article aims to understand the deeds of an intellectual mediator, in this case, Professor Apelles Porto Alegre. In this sense, this work is based on the studies of Gomes; Hansen (2016) and Sirinelli (2003, 1998). A substantial part of the sources used are from Apelles' personal collection, in addition to texts published in *Revista do Parthenon Literário* and *Jornal A Imprensa*. By observing the trajectory of Professor Apelles, we understand his role as an intellectual mediator in engaging with the community, and in transmitting his knowledge either in the classroom or in his writings. As an intellectual mediator, acting as a teacher, or journalist, he built sociability networks, making possible the recognition of the society of the time.

KEYWORDS: Intellectual Mediator; Apelles Porto Alegre; History of Education; History of Rio Grande do Sul.

Recebido em: 29/06/2023

Aprovado em: 30/10/2023

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v80p135-161>



Introdução

Este artigo tem como objetivo compreender a atuação do intelectual mediador desempenhado pelo professor Apelles Porto Alegre ao longo de sua trajetória. O conceito de intelectual mediador auxilia na compreensão das ferramentas que Apelles utilizou para mobilizar a comunidade em que atuou. Apelles teve uma vida dedicada à educação como professor Apelles na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, atuando na docência e na direção do ensino, na editoração do jornal *A Imprensa*, na escrita de textos publicados na Revista do Parthenon Literário, mas também no envolvimento com a política no movimento republicano, além de constituir uma rede de sociabilidade que envolvia a família e os amigos.

No colégio Rio-Grandense,¹ Apelles foi proprietário, diretor e professor por quase cinquenta anos. Na revista do Parthenon Literário,² atuou como escritor e orador. Na revista, encontramos um escritor literário, de poemas, contos e crônicas. Como orador, pode-se acompanhar os seus discursos, posteriormente publicados. E, ainda, o jornal *A Imprensa*, considerado o primeiro jornal republicano do Estado, onde se encontra um ativista político, que defendia causas como a educação, a moral e denunciava os baixos salários dos professores, os gastos desnecessários com atividades que não iriam reverter em benefícios para a comunidade.

Para este trabalho, o conceito de intelectual mediador seguiu as tendências de Sirinelli (2003, 1998) e Gomes; Hansen (2016). Recorreu-se, também, aos trabalhos de Le Goff (2013) e Prost (2008) para refletir sobre a escrita da história e de Bellotto (2006) e Hobbs (2018) para pensar sobre arquivos.

A metodologia utilizada foi a análise documental apoiada em Luchese (2014). E, para tanto, utiliza-se, além do arquivo pessoal do professor Apelles, ainda os seus textos publicados na revista do Parthenon Literário e

¹ Educandário localizado na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1870, por Apolinário Porto Alegre, seu irmão Apelles Porto Alegre e Vasco de Araujo e Silva (Arriada, 2011). Apelles assumiu a direção do Colégio Rio-Grandense “em 1875, já no final do ano” (Pôrto Alegre, 1954, p. 10) e dirigiu o colégio até o seu falecimento em 1917.

² Revista publicada pela Sociedade Parthenon Literário, criada na cidade de Porto Alegre em 18 de junho de 1868, por um grupo de intelectuais para “[...] terem sua voz ouvida e sua literatura divulgada” (Aguiar, 2011, p. 21).

exemplares do Jornal *A Imprensa*, de sua propriedade e do qual foi o editor. E, ainda, dois livretos deixados por seus alunos em sua homenagem.

A vida de professor está intrínseca à sua própria vida pessoal, uma vez que não se pode separar o profissional do indivíduo (Nóvoa, 2013 p. 17). Da mesma forma, entende-se que as ações do pesquisado, enquanto docente, escritor e editor, também não podem ser dissociadas do seu “eu” pessoal. Ao estudar o indivíduo Apelles Porto Alegre, pode-se perceber o quanto sua vida estava envolta em seu ofício de professor.

Este artigo será dividido em três seções. Na primeira, busca-se entender as questões relacionadas ao conceito de intelectual mediador e a escrita da história. Em um segundo momento, procura-se identificar a trajetória do professor Apelles Porto Alegre. Por fim, na terceira seção, compreendem-se as diversas fases do professor Apelles no que se refere à escrita, ao longo de sua trajetória.

O intelectual mediador e a escrita da história

Sobre o conceito de intelectual, Marletti (1992, p. 637) afirma que é “[...] uma categoria ou classe social particular, que se distingue pela instrução e pela competência, científica [...], que compreende aqueles que exercem atividades ou profissões especializadas”. O intelectual não necessariamente transmite seu conhecimento, não precisa estar envolvido com a comunidade em que vive, diferente do intelectual mediador,³ que busca compartilhar, transmitir, dividir o seu conhecimento, auxiliar e, quem sabe, melhorar a sociedade.

Para Sirinelli (2003, p. 242), o intelectual mediador tem um “engajamento” com a comunidade em que atua. Além disso, este intelectual mediador possui uma “[...] capacidade de ressonância e de amplificação, noutros termos, de um poder de influência” (Sirinelli, 1998, p. 261).

O estudo de intelectuais mediadores é algo novo, porém independente, “[...] longe de se fechar em si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (Sirinelli, 2003,

³ O conceito de intelectual é muito debatido sendo que existem algumas vertentes que abordam perspectivas semelhantes, como o intelectual mentor, os intelectuais operadores, os intelectuais obreiros. Para saber mais: Tambara; Arriada, 2016.

p. 232). O intelectual possui uma rede de apoiadores e, por sua vez, o professor Apelles possuía seus irmãos,⁴ que compartilhavam as mesmas ideias. Existia, ainda, um grupo de apoiadores mútuos que pode ser identificado nas publicações da revista do Partenon Literário e no jornal *A Imprensa*.

Diante disso, pode-se perceber o papel do professor Apelles na comunidade em que viveu, não apenas pelas profissões que exerceu, lecionando em diversas escolas, mas também pelo seu envolvimento com a sociedade, na criação do jornal e de associações como o Parthenon Literário e pela fundação do Colégio Rio-Grandense, no legado que deixou com os seus textos e discursos. Sobre esse conceito de intelectual mediador, Gomes e Hansen (2016) argumentam:

[...] as práticas de mediação cultural podem ser exercidas por um conjunto diversificado de atores, cuja presença e importância nas várias sociedades e culturas têm grande relevância, porém, nem sempre reconhecimento. [...] Outros mediadores culturais podem ser identificados nos leitores, contadores de histórias, guias de instituições, pais e outros agentes educadores encarregados da socialização de crianças e jovens em diversas situações (Gomes; Hansen, 2016, p. 9).

O intelectual mediador pode ser um professor, advogado, assistente social, mas não necessariamente precisa ter uma formação específica. Contudo, ele tem um papel de motivar a sociedade ao seu entorno. Apelles foi ator de seu tempo, participou efetivamente da comunidade em que viveu. Para Gomes e Hansen (2016), também se pode dizer que os intelectuais mediadores.

[...] são homens da produção do conhecimento e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social (Gomes; Hansen, 2016, p. 10).

⁴ Apolinário, Achylles e Apelles ficaram conhecidos como os irmãos Porto Alegre, é difícil falar de um sem citar o outro. Apolinário foi precursor do movimento republicano gaúcho, professor, jornalista e escritor, inaugurando o regionalismo. Achylles também foi jornalista, professor, funcionário público do estado, possui uma coleção de livros que descrevem a cidade de Porto Alegre.

A partir do excerto, é possível entender que o conceito de intelectual mediador não está ligado a uma elite propriamente dita, mas a uma posição de enfrentamento das dificuldades na produção do conhecimento, tanto cultural quanto político e educativo. Para tanto, o intelectual mediador precisa interagir com a comunidade, dividir seu conhecimento, compartilhar com as pessoas o que sabe, na intenção de melhorar o seu entorno, seja com a educação, em escolas, reforço escolar, leitura, com a cultura, com a música, a dança ou o teatro.

No caso do professor Apelles e de seus irmãos, é possível observar suas relações com a criação da escola, como professores e na atuação com a imprensa. Desse modo, eles foram destacados e reconhecidos no seu tempo, mesmo que contrários a muitas ideias do período, pois seguiam a ideologia republicana. Em um período em que o Brasil vivia uma monarquia, que se estendeu até o ano de 1889, ser republicano era estar contrário ao regime político vigente.

O professor Apelles e os seus irmãos pertenciam ao Partido Republicano. Eram homens brancos e faziam parte de uma elite intelectual e política minoritária. Eram detentores de um conhecimento restrito a poucos – o saber ler e poder transmitir este conhecimento, já que grande parte da população não tinha acesso a escolas e ao saber.

Neste sentido, Sirinelli (1998) alerta para os cuidados de se estudar intelectuais que sabem manipular a palavra e podem ter reconstruídas suas memórias. Este alerta do autor serve para pensar nestes homens que buscavam por reconhecimento e que, como possuíam o domínio da escrita, tinham consciência de seu “legado”, de que algo sobre eles ficaria para as gerações futuras, como mostra uma anotação deixada por Apolinário e publicada por Álvaro Porto Alegre (1954, p. 7): “À minha família cabe a glória de ter sido a inspiradora da reação atual em favor da liberdade. Fomos os mestres da mocidade rio-grandense. Filhos de farrapos, não interrompemos jamais a evolução tradicional”.

A família Porto Alegre acreditava ser herdeira de um ideal farroupilha. No excerto acima, Apolinário se declarava “mestre da mocidade rio-grandense”, o que pode ser identificado pela atuação dos irmãos na criação de escolas e aulas efetuadas nos diversos colégios em que atuaram. Desta forma, Le Goff (2013) também afirma que o que encontramos atualmente

sobre o passado é uma representação do que existiu. O que permanece do passado são vestígios deixados intencionalmente, ou não, mas quem escolhe o que vai estudar é o próprio historiador.

Desta forma, para Le Goff (2013, p. 495), “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Ainda para o autor, “o documento é monumento” (*ibid.*, p. 497), ele foi fabricado, com ou sem intenção de contar a história para gerações futuras. Sendo assim, o que permaneceu sobre as aulas realizadas pelo professor Apelles são as memórias dos seus alunos, registradas em livros, como a homenagem realizada por Torelly; Carvalho (1944) e o relato das suas aulas feita por Pilla (1949).

Neste sentido, Luchese (2014) salienta que a pesquisa histórica é constituída do conjunto de documentos encontrados no presente, que serão ordenados para a montagem escrita. Por isso, faz-se necessário atentar para o momento histórico em que foi produzido, seu suporte, sua intencionalidade e circulação.

Luchese (2014) alerta para as especificidades da pesquisa histórica. Os achados documentais não se esgotam com as buscas, o pesquisador também é limitado e suas escolhas interferem na escrita. Além da documentação produzida pelo professor Apelles ou para ele, como, por exemplo, as homenagens realizadas pelos alunos vinte e sete anos após seu falecimento. E ainda, as escolhas dos documentos que foram preservados até os nossos dias.

Seguindo estas mesmas ideias, Prost (2008) alerta para o fato de que o pesquisador jamais poderá ocupar o lugar do outro. O historiador carrega consigo outras vivências que estão entrelaçadas no seu olhar para as fontes. Para Prost (2008, p. 150), “a história é o re-pensamento, a re-ativação, a reação no presente, pelo historiador, de coisas que, outrora, haviam sido pensadas, experimentadas e praticadas por outras pessoas”.

Para Bellotto (2006, p. 264), “a história não é a ressurreição do passado; é o torná-lo inteligível, sem deformá-lo. O procedimento para alcançar esse objeto é a pesquisa histórica”. Com isso, nas pesquisas, não encontramos o passado, mas, sim, uma versão do que ele tenha sido. Ainda segundo Bellotto (2006, p. 263), o documento é “como [uma] ponte para o passado”.

Pelo documento, podemos observar um recorte do tempo histórico que queremos entender.

O arquivo pessoal do professor Apelles contém documentos do dia a dia dos indivíduos: contas, correspondências, diários, agendas, tudo que pode contar a intimidade, ou o cotidiano de uma pessoa (Hobbs, 2018). Conforme a mesma autora, os arquivos pessoais “documentam a vida e a personalidade desses indivíduos” (*ibid.*, p. 263). Seguindo esta mesma perspectiva, Bellotto define o arquivo pessoal como sendo,

[...] o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade [...]. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para a ciências, a arte e a sociedade (Bellotto, 2006, p. 266).

A documentação encontrada nos arquivos pessoais retrata os interesses do indivíduo, “seus gostos ou sua personalidade” (HOBBS, 2018, p. 264). O arquivo pessoal do professor Apelles, provavelmente, foi guardado por ele e, posteriormente, por sua família. Ao longo do tempo, foram acrescentados documentos de sua filha Amélia e da esposa Sinhá. Esta documentação abrange o período de 1855 a 1934. Os documentos pessoais referentes ao século XIX são muito raros e, mais ainda, quando se pensa em um professor. Estes materiais não costumam chegar aos nossos dias, menos ainda agrupados, como no caso do arquivo pessoal do professor Apelles.

As produções localizadas em periódicos jornalísticos, como os textos publicados na Revista do Parthenon Literário, também se configuram como documentos escritos, assim como os periódicos na sua totalidade, como foi o caso do jornal *A Imprensa*, editado pelo professor Apelles.

O montante desta documentação com o arquivo pessoal, as edições do jornal *A Imprensa* e os artigos publicados na Revista do Parthenon Literário é que permite identificar o professor Apelles Porto Alegre enquanto um intelectual mediador. A seguir, procurou-se identificar os pontos principais da trajetória do professor Apelles, a qual será apresentada na seção seguinte.

Apelles Porto Alegre: uma vida dedicada à educação

Apelles José Gomes Porto Alegre nasceu na cidade de Rio Grande em 24 de outubro de 1850 e faleceu na cidade de Porto Alegre em 6 de julho de 1917, aos sessenta e sete anos de idade. Ele era filho de Antônio José Gomes Porto Alegre e de Delfina da Costa Campelo,⁵ sendo caçula de quatro irmãos: Achylles, Apolinário e Lucio.

Apelles casou-se, no ano de 1871, com Ernestina Souza Franco, com quem teve cinco filhos⁶: Arnaldo Franco Porto Alegre, que nasceu em 1879 e faleceu em 1936; Azelina Gomes Porto Alegre e Azelma Porto Alegre, nascidas em 1880; Alice Porto Alegre, nascida em 1882 e Amélia Porto Alegre, que nasceu em 1890 e faleceu em 1970.

Dos cinco filhos do casal, pouco se encontraram informações. Amélia, a filha mais nova, foi quem exerceu a docência e, em cartas escritas para a mãe, consta que lecionou na cidade de São Jerônimo, da qual pedia transferência desde 1923 para a cidade de Porto Alegre. Na cidade de Porto Alegre, Amélia, no ano de 1930, recebeu uma correspondência da amiga Cecília Vargas, endereçada ao Colégio Paula Soares⁷, o que nos faz deduzir que foi para esta escola que foi transferida.

A busca dos vestígios da história dos professores é árdua e demorada, muitas vezes escassa, esparsa, o que dificulta o trabalho dos pesquisadores. O apagamento da história dos professores é algo corriqueiro, pois muitos não costumam guardar seus utensílios de trabalho, como: diários de aulas, provas, livros didáticos, etc.

Por muito tempo, o professor Apelles foi apenas lembrado em esparsas notas de rodapé dos trabalhos realizados sobre os seus irmãos. Mas também pode ser um apagamento que ainda venha da sua contemporaneidade, pois o jornal *A Federação* iniciou esse movimento com

⁵ Dados retirados da genealogia da família Martins Costa. Disponível em: <http://www.martinscosta.org/pgv/individual.php?pid=1288>. Acessado em: 29 out. 2017.

⁶ Dados retirados da genealogia da família. Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/descendancy/LIHM-CHB>. Acessado em: 28/01/2022.

⁷ O Colégio Estadual Paula Soares foi fundado em 1927, na cidade de Porto Alegre, localizado próximo ao Palácio Piratini, na Rua General Auto, n.º. 68 – Centro Histórico (Melchior, 2014). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115410/000963839.pdf?sequence=1>. Acessado em: 7 jul. 2022.

notícias que queriam destruir a imagem do seu irmão Apolinário e diminuir a sua relevância.

Com o advento da República, o professor Apelles e seus irmãos, descontentes com os novos rumos do Partido Republicano e as ideias de Julio de Castilhos, resolveram abandonar o partido. Este fato criou muitos problemas para os irmãos, mas especialmente a Apolinário que, em 1899, sofreu um atentado contra sua vida (A Federação, 15/09/1899).

Para desqualificar a imagem do Apelles, alguns apelidos eram usados nas páginas do jornal *A Federação*, como: Petit – provavelmente em alusão de ser o irmão mais novo; Manapelles – em referência a ser o irmão, que estava sempre próximo e auxiliando o Apolinário (A Federação, 22/09/1899).

As campanhas para manchar a imagem do professor Apelles não apagaram a admiração de seus alunos, como se encontram alguns relatos descrevendo-a dedicação e o carinho do mestre: “Verdadeiro educador, não se limitou a instruir, mas procurou também plasmar o caráter dos jovens nos moldes da mais rija moral cívica e privada. Para tal, nenhum modelo melhor do que o próprio Mestre – protótipo do bom cidadão, honrado e digno” (Torelly; Carvalho, 1944, s/p).

O professor Apelles Porto Alegre atuou no magistério por grande parte de sua vida e essa experiência foi retratada nas palavras de Raul Pilla, com uma pequena descrição do seu método de ensino: “[...] o professor de História, [...] em vez de narrar batalhas e desfiar séries de monarcas, nos fazia acompanhar o desenvolvimento da civilização, tendo sido, talvez, o primeiro professor a adotar semelhante orientação em nosso meio” (Pilla, 1949, p. 55).

Apelles lecionou em vários colégios, como: o “[...] ‘Instituto Brasileiro’, ‘Souza Lobo’ e ‘Luis Kraemer’ [...]” (Arriada, 2011, p. 102). No ano de 1885, o professor Apelles ministrava a disciplina de História no Instituto Brasileiro (jornal *A Federação*). No Colégio União, Apelles foi professor do ensino secundário (Carvalho; Carvalho, 6/7/1881). “Em 1890 [...] foi nomeado diretor da Instrução Pública e da Escola Normal” (Pôrto Alegre, 1917, p.196). Lecionou no Ginásio Júlio de Castilhos (Torelly; Carvalho, 1944). E, ainda, serviu de examinador para os exames gerais de preparatórios, no ano de 1879, do Ateneu Rio-Grandense nas provas de História e Retórica.

No Ginásio Júlio de Castilhos, foi professor de História e paraninfo da turma de Raul Pilla, no curso de bacharelado de Ciências e Letras (Pilla, 1949). Pilla escreve:

[...] O que avulta na complexa personalidade de Apeles Pôrto Alegre é, justamente, o professor. Foi poeta inspirado, jornalista de pulso, orador de fôlego. Qualquer destas manifestações do seu espírito bastaria para lhe dar a notoriedade do talento. Foi, porém, como professor que êle se impôs, mais do que à nossa admiração, ao nosso reconhecimento (Pilla, 1949, p. 53).

Em 1944, setenta e seis alunos se uniram para realizar uma homenagem ao professor Apelles, na qual foi publicado um livreto organizado por Torelly e Carvalho e confeccionada uma estátua, um busto instalado na praça Conde de Porto Alegre, em frente ao local onde o Colégio Rio-Grandense funcionou (Torelly; Carvalho, 1944 e Pilla, 1949). A arte do busto foi elaborada por Luiz Sanguin e a técnica, a firma Keller & Santos. Segundo Till (2002), o busto⁸ foi retirado da praça Conde de Porto Alegre, assim como o pedestal de granito.

No dia 27 de novembro de 1944, aconteceu a inauguração do monumento, com os discursos de Raul Pilla e Amélia Porto Alegre, filha do professor Apelles. Amélia Porto Alegre falou sobre o seu pai e a homenagem recebida:

[...] dignos discípulos de Apeles, que o homenageiam, perpetuando no bronze sua admiração ao velho mestre [...]
E aí está a sua maior glorificação! Sua e de vós! [...]
E Apeles [...] tendo militado sempre nas hostes contrárias aos governos constituídos.
Republicano, em plena monarquia, criando clubes republicanos, diretor-proprietário da 'Imprensa', primeira fôlha diária de propaganda republicana em Pôrto Alegre, batalhando arduamente, quando ainda os decantados 'patriarcas' da República, descansadamente, usufruíam as prerrogativas do regimen monárquico.
Com o advento da República, foi oposicionista intemerato, porque aquele não satisfazia os seus ideias democráticos (Porto Alegre, 1944, p. s/n).

⁸ Segundo o Blog "ArquivoPOA – A Memória de Porto Alegre", o monumento foi transferido para a Praça Professor Saint-Pastous e, atualmente, está desaparecido. Possivelmente, tenha sido roubado. Disponível em: <http://arquivopoa.blogspot.com/2014/04/antigo-busto-de-apeles-porto-alegre.html>. Acessado: 15 ago. 2021.

Amélia refere-se à alegria do reconhecimento dos alunos frente ao professor Apelles, tendo a iniciativa de homenageá-lo, sendo ele uma figura polêmica, que se posicionou contrário à situação política em muitos momentos. Além de alunos dedicados ao seu mestre, Apelles também possuía grandes amigos, o que fez com que o Colégio Rio-Grandense permanecesse em funcionamento após o seu falecimento, no ano de 1917, por aproximadamente dois anos, com os docentes da própria instituição e do Ginásio Júlio de Castilhos, que auxiliaram dona Sinhá, sua esposa, a manter a escola aberta, a qual só veio a fechar pelo agravamento de sua saúde (Porto Alegre, 1944).

Raul Pilla (1949) homenageou o professor Apelles em um texto intitulado “Pelo preceito e pelo exemplo”⁹ (*ibid.*, p. 54). O título do artigo queria expressar um pouco das características do mestre. Apelles ensinava pelo exemplo em primeiro lugar, com uma conduta firme, (*idem*). Nas palavras do autor,

[...] se Apeles Pôrto Alegre foi um grande professor, deve-o não somente à sua inteligência, cultura e devotamento ao ensino, mas também a ter sido um homem e um cidadão.
[...] Foi Apeles Pôrto Alegre um grande cidadão. Nunca se desviou do cumprimento do dever, nem nas mais opressivas situações. Nunca traiu a verdade, nem apostatou a sua fé. Tolerante, como todo homem verdadeiramente culto, mas firme sempre.
Foi certamente o homem e o professor o que mais nos impressionou [...] não faltava um só dia (*ibid.*, p. 55).

De acordo com Pilla (1949), Apelles procurava, em suas aulas, ensinar os alunos a pensar e não apenas decorar fatos, mesmo tendo posição bem definida politicamente, pois era republicano. Não buscava incutir suas ideias, mas formar pensadores que compreendessem o passado e pudessem fazer suas escolhas futuramente.

Apelles assumiu a direção do Colégio Rio-Grandense “em 1875, já no final do ano” (Pôrto Alegre, 1954, p. 10) e dirigiu o colégio até o seu falecimento em 1917. Para Kraemer Neto (1969, p. 113), “rapidamente o novel estabelecimento educacional, grangeando a simpatia e confiança de seus coestaduanos. Prova tal, a frequência, em seu colégio, de filhos de seus

⁹ Raul Pilla (1949) afirmou que o biógrafo do professor Apelles foi Zeferino Brasil. Porém, não fez referência ao documento o qual, até o momento, não foi encontrado.

próprios adversários políticos”. O Colégio Rio-Grandense esteve localizado, por muitos anos, na casa do professor Apelles na Rua Duque de Caxias n°: 303. Na primeira década do século XX, o colégio mudou de endereço para a Travessa Primeiro de Março n°: 28. Era de costume os colégios funcionarem na casa dos professores. O Colégio Rio-Grandense não foi diferente e, quando encerrou as atividades, por volta de 1920, a família seguiu morando neste mesmo endereço.

O Colégio Rio-Grandense oferecia o curso primário, preparatório e facultativo, dividido em alunos internos e externos. No ano de 1892, contava com dez docentes: “Agostinho de Menezes Freitas, Apelles Porto Alegre, Diedrich Schroder, Marcos Avelino de Andrade, José Luiz Ferreira, Dr. José Gonçalves Vianna, Ricardo Albertazzi, Dr. Francisco Sergio d’Oliveira, Verissimo da Roza, Ariovaldo Pinheiro”. (Programa de estudos e regulamento Do Colégio Rio-Grandense, 1892, s/p.).

O curso preparatório¹⁰ era dividido em cinco secções: a “1ª Portuguez, latim, francez, arithmetica pratica, chorographia e história do Brazil. 2ª Portuguez, latim, francez, inglez, arithmetica, teoria e geografia geral. 3ª Latim, inglez, alemão, álgebra. 4ª Allemão, historia geral, geometria e trigonometria rectilinea. 5ª Sciencias physicas e naturaes” (Programa de estudos e regulamento Do Colégio Rio-Grandense, 1892, s/p.). Além dos alunos regulares, o colégio também possuía outros atendimentos, como por lições prestadas ou lições particulares e as notas entregues.

Dentre a documentação pessoal do professor Apelles, encontram-se várias correspondências recebidas, escritas em formato de carta, ou mais informais, como bilhetes de assuntos referentes à educação e sobre alunos, como: comunicação de quitação dos pagamentos em atraso, a retirada de alunos ou explicando os motivos das faltas, doença e a reclamação por um castigo severo. A documentação do colégio Rio-Grandense permite-nos perceber os problemas e as disputas enfrentadas naquele período.

Entretanto, contrariando o senso comum de que os pais no século XIX não contestavam os professores, as fontes documentais apontam para outra realidade. Os familiares dos alunos do Colégio Rio-Grandense reivindicavam

¹⁰ Os cursos preparatórios eram “atribuídos aos estudos secundários, no século XIX, vistos quase que exclusivamente [...] para o ingresso nos cursos superiores” (Arriada, 2011, p. 219). Os colégios de ensino secundário montavam seus programas com as matérias exigidas nos cursos superiores as quais seriam cobradas dos alunos nos exames preparatórios (*idem*).

o valor das mensalidades, o castigo aplicado e as notas finais, além de interferirem no conteúdo: mais aulas de música ou exercícios, menos para outros, porque os pais não viam necessidade.

Ao realizar a pesquisa e buscar por outras escolas em que o professor Apelles atuou, a dificuldade de encontrar os vestígios deixados pelo ensino surgiram, alertando-nos para a importância do acesso a esta documentação. Entender questões do dia a dia do colégio, as insatisfações e necessidades das famílias torna esta documentação relevante, não apenas para a educação, mas também para a História.

O arquivo pessoal é cheio de nuances, porque não fala apenas de um indivíduo, mas também de acontecimentos ligados à história da sociedade. Compreender as práticas escolares e as relações professor-aluno do passado também pode ajudar a se entender a trajetória de Apelles, que foi um professor imbricado no seu tempo com os métodos e atuação que não fugiu à regra, mesmo que, de alguma maneira, ele tentasse estar à frente das práticas impostas pelo período, como afirmou Pilla (1949). Em algum momento, o docente do século XIX apresentou um perfil rígido, como no caso do castigo ao aluno Carlos (Dias, 16/11/1887. Carta).

A história do Colégio Rio-Grandense pode ser escrita pela documentação rara existente do arquivo pessoal do professor Apelles, que, no papel de professor e diretor, conseguia transmitir suas ideias e conhecimentos, mobilizando, assim, o seu entorno, como sugere o conceito de intelectual mediador. Ao longo dos anos, problemas são identificados, como as reclamações de pais, atrasos de pagamentos das mensalidades, retiradas dos alunos no andamento dos estudos. Porém estes fatos apenas reforçam o papel condutor do professor Apelles diante das adversidades no percurso da docência.

A revista do Parthenon Literário e o jornal a imprensa: uma forma de escrita

Apelles Porto Alegre teve uma importante participação na Associação do Parthenon Literário. Os textos publicados na revista do Parthenon Literário ressaltaram também seu papel como orador. Apelles, como um intelectual mediador, de alguma forma, transmitiu o seu pensamento e os

seus posicionamentos e estes textos vêm reforçar a sua dedicação ao ensino e, em particular, ao ensino de História.

Apelles, no período de abril a setembro de 1879, esteve na comissão de redação da revista, e participou da presidência da instituição como 2º orador, cargo que já havia assumido em 1876 e 1877. No ano de 1879, pediu sua exoneração do cargo de orador, pois não se achava isento para possíveis votações, sendo o seu irmão, Achylles, o presidente da instituição. Aparentemente, a exoneração não foi aceita.

Nas revistas do Parthenon Literário, Apelles teve vinte e nove publicações, entre novela, crônica, conto, poema, discurso e parecer. Destes, alguns, devido ao tamanho, foram publicados em várias edições, sendo que foi um total de dezenove textos completos, conforme Pilla (1949),

Múltiplas foram as facetas em que se manifestou o seu talento literário. Nas páginas da 'Revista do Partenon' encontram-se variadas produções: contos, narrativas, ensaios, estudos críticos, crônicas e poesias. 'O seu verso – diz Zeferino Brasil com sua excepcional autoridade – brota espontâneo e límpido, como a linfa cristalina de uma fonte. Não se lhe nota um esforço. Não se lhe encontra um vestígio de martelo. O verso é inteiro e sonoro. Não tem um *enjambement*, uma interrupção de período ou de sentença. É uma estrofe natural, reveladora do verdadeiro poeta' (PILLA, 1949, p. 57. Grifo do autor).

Entre suas publicações, três foram poemas: Aurora (1869), Em vão (1875) e, no ano de 1876, o poema não possui título. Os textos escritos por Apelles possuem características do romantismo, trazendo a ligação entre o amor, a natureza, a saudade e, ainda, o nacionalismo. Segundo Hessel (1976), Apelles se destacou como professor e na produção da poesia lírica. O autor ainda reforça as características da escrita do professor e a proximidade com o romantismo:

[...] a natureza e a idealização dos personagens, especialmente a das heroínas, quase sempre uma donzela virgem, encerrada no recesso dos lares, ingênua, suspirosa, romântica, uma espécie de mulher-anjo. A intriga também não varia muito: os ingredientes mais constantes são, além dessa reclusão, o afastamento prolongado dos jovens que vão para longe a estudar, as vocações contrariadas, os contatos entre jovens quase só no círculo dos parentes ou de pessoas muito chegadas à casa (*ibid.*, p. 21).

Apelles teve duas novelas publicadas nas revistas: Tancredo e Georgina, seguindo o mesmo estilo dos poemas, o romantismo. Para Hessel (1976), o romantismo já havia sido abandonado em outros lugares, no Brasil e no mundo, mas isso não significa que havia sido extinto. Ainda era muito encontrado.

A novela Tancredo foi publicada em vinte e sete páginas, distribuídas em quatro edições, de agosto a novembro de 1872. Tancredo também foi utilizado como seu pseudônimo.

Tancredo foi retratado como um daqueles homens necessários ao estado positivista. De acordo com Tambara (1995, p. 87), na doutrina positivista, “estaria aparecendo um novo tipo de civilização cuja característica principal seria seu caráter científico-industrial”. Esta transformação se daria pela sociedade, um novo modo de viver e governar, cada indivíduo possui um papel importante neste sistema, como uma engrenagem para se viver em harmonia (*ibid.*, p. 87-89).

Para Hessel (1976, p. 22), a novela não possui: “[...] maiores méritos como ficcionista, de vez que a intriga é singela e esmaece entre a ramagem das considerações do autor, das descrições alongadas, dos diálogos eruditos, etc”. O autor ainda critica o ritmo da escrita que, por vezes, é muito lenta e descritiva e, por vezes, é muito rápida e atropela o andamento da trama (*idem*). Sendo assim, a novela

[...] Tancredo, além da abundante adjetivação e de certo descontrole do ritmo: os dois terços iniciais desfilam quase em câmara lenta, ao passo que o terço final corre demasiadamente depressa, prejudicando a tensão dramática que, a certa altura, começava a esboçar-se [...] (*idem*).

Com muitas semelhanças na forma de escrever, Apelles tem outra novela publicada na Revista do Parthenon Literário, intitulada Georgina, que circulou durante sete meses, de setembro a dezembro de 1873 e em janeiro, fevereiro e abril de 1874. Esta publicação tem um tempo ainda mais lento, porém não prejudica a compreensão e a evolução dos personagens. Contudo, a escrita permanece a mesma, tem a desilusão e a morte, a orfandade, a timidez. Segue o romantismo, o mesmo estilo de escrita.

Seguindo o mesmo perfil, os contos escritos por Apelles também possuem uma escrita ligada à natureza. Foram publicados quatro contos intitulados Recordações (1869), Therezina (1875), Ignez (1876) e Folha Solta (1876).

Utilizando-se de outro recurso literário, o professor Apelles tem um texto denominado Chronica, publicado em 15 de agosto de 1877. A intenção foi explicar o que significa uma crônica.

O desenvolvimento literário trazido pela Sociedade do Parthenon Literário é ressaltado pela diversidade de escrita do professor Apelles e de seus associados, que tinham a intenção de promover as artes, o ensino, as discussões políticas e culturais na cidade (Piva, 2002). Contudo, a proporção foi além da cidade e se difundiu por toda a Província e até além dela, segundo Piva:

A Sociedade surgiu em um período de efervescência, em que o ambiente social e político apresentava diversos fatores de inquietação: a Guerra do Paraguai ainda não findava, havia uma crescente tensão política em torno do regime governamental brasileiro, marcada, por exemplo, pelo manifesto republicano em 1870, e, ainda, ocorria uma forte retomada da campanha abolicionista. O Parthenon não se isentou de participar dos grandes debates, nem de atuar de maneira concreta com vistas a mudanças sociais. Assim, ele não se limitou a ser apenas uma agremiação literária, mas procurou servir tanto como um promotor cultural, quanto como um difusor de idéias políticas, literárias e educacionais (*ibid.*, p. 19).

Sendo assim, Apelles (Porto Alegre, 1877) buscava ressaltar a necessidade da Sociedade do Parthenon Literário e de sua revista, pois a imprensa que circulava não dava conta das escritas literárias e a Província ainda era muito carente no que se refere à cultura. Ao analisar os discursos, pôde-se observar uma preocupação literária e histórica, pois, além do tema ao discursar, fatos históricos vão surgindo como uma forma explicativa.

Apelles foi um orador de destaque, dado que se reflete nas publicações da revista do Parthenon Literário. Foram seis discursos proferidos em sessões solenes na instituição e estas originaram sete publicações, pois uma teve sua publicação dividida em duas edições.

Um discurso foi proferido em ocasião ao 17º Sarau da instituição em defesa do “Ensino Livre” e o discurso no 7º aniversário do Parthenon, ambos publicados no ano de 1875. Ainda nesse ano, houve dois discursos fúnebres:

de Manuel Pereira da Silva Ubatuba e de João da Cunha Lobo Barreto. Adiante, no ano de 1876, foi um discurso no funeral do Dr. Caldre e Fião. E, por fim, publicado no ano de 1877, em sessão magna, o discurso proferido um ano antes, em 1876.

Segundo Pilla (1949), Apelles tinha o dom da oratória, e se sobressaía diante dos irmãos Achylles e Apolinário. Para o mesmo autor, Apelles era “um artista da palavra” (*ibid.*, p. 57) e segue afirmando,

Apeles Pôrto Alegre era também orador, sobretudo orador e, nisto, se destacava de seus ilustres irmãos, Apolinário e Aquiles, que não haviam recebido o dom da oratória. ‘O seu gesto e dição na tribuna eram naturais e precisos – diz ainda o seu biógrafo – como que marcamos a compasso de música. Nada nêle era afetado. Não lhe notava um exagêro. A sua palavra e gesticulação obedeciam a um ritmo perfeito. Ademais, os seus pensamentos eram sempre elevados. Profundo conhecedor da História, de que foi mestre admirável, os seus discursos encerravam sempre lições profundas’ (*ibid.*, p. 57-58).

Os discursos de Apelles na Revista do Parthenon Literário fazem uma retrospectiva histórica coerente com o assunto. Dessa forma, pode-se perceber muito marcadamente o professor de História, conhecedor da história mundial. Com isso, fica evidente o papel de intelectual mediador que, mesmo diante de seus pares, difundia o conhecimento histórico, não reservando este conhecimento apenas para seus alunos.

Outro discurso foi proferido em comemoração ao tricentenário de Luiz de Camões, realizado no dia 9 de junho de 1880, impresso na tipografia de *A Imprensa* na Rua Andrade Neves, nº46, e disponibilizado à venda no valor de 500\$ (quinhentos réis). A publicação em formato de livreto possui dezenove páginas. Na escrita Apelles, dirige-se ao leitor e conta que, após pronunciar o discurso em homenagem a Camões, comprou a tipografia que originou a publicação do jornal *A Imprensa*. Apelles ainda afirma que, incentivado a publicar o discurso, hesitou, à espera da promessa de uma publicação coletiva oferecida pela comissão das festas do tricentenário. Como essa publicação não se concretizou, resolveu atender às solicitações dos amigos (Porto Alegre, 1881).

Não foi possível localizar alguns de seus discursos. Contudo, Raul Pilla mencionou três que, para ele, foram grandiosos:

Entre as suas notáveis peças oratórias, citam-se: o discurso preferido em 1880, para solenizar o centenário de Camões; a oração dedicada, em 1901, à memória de Silveira Martins, recentemente falecido; o discurso pronunciado no Congresso Federalista de 1896, para defender a república parlamentar. De tal maneira se houve êle naquela histórica e brilhante assembléia, que Silveira Martins, o titã da tribuna, 'o estreitou nos braços e lhe manifestou a sua admiração e reconhecimento' (Pilla, 1949, p. 58).

O ofício de orador se perde no tempo. Contudo, as descrições de seus ouvintes e o texto escrito permanecem na atualidade. E este também é o papel do intelectual mediador: transpor em palavras, seja oralmente ou por escrito, nos discursos, na sala de aula, ou mesmo com seus textos publicados nas revistas ou em jornais, expondo o seu pensamento, suas opiniões, e mesmo o sentimento.

Uma pauta muito debatida pelo autor foi a instrução pública, que pode ser encontrada na revista do Parthenon Literário no discurso intitulado "O Ensino Livre" (Porto Alegre, 1875, p. 72), o qual defendia a ideia de que as famílias é que deveriam decidir o futuro de seus filhos, que levar as crianças ao colégio não deveria ser uma imposição do Estado. No texto, relata o descontentamento por uma possível obrigação do ensino, que ele defendia ser livre e opcional a cada família, que deveria ter o poder de decisão.

Os defensores do ensino obrigatorio buscão justificar a violencia de seus expedientes, com o facto de haverem pais, que descurão seus deveres não mandando os filhos a escola receber a instrucção que não eleva só o individuo, como tambem a sociedade da qual faz parte. [...] porque não acredito que exista um pai, a não ser elle uma aberração da natureza humana, que não se interesse pela felicidade presente e futura do deposito sagrado que a natureza lhe confiou (*ibid.*, p. 79).

Apelles argumentava que, em alguns estados democráticos, o ensino era obrigatório e que, no Brasil, vinha sendo discutido. Contudo, aqui falta estrutura para que esta obrigatoriedade não sacrifique as famílias. Seguindo a argumentação, o autor afirma que o Estado não pode obrigar as famílias a colocar seus filhos na escola, porém, na sua teoria, existia uma explicação: na província, havia "304 escolas públicas", sendo "186" para meninos e "118" para meninas. Com isso, a estrutura escolar não comportava tal legislação (Porto Alegre, 1875, p. 80). Segundo Apelles:

Se me disserem que a criação d'esta lei trará em consequencia a criação de mais escolas, admirarei a grandeza de uma idéa tão patriótica, mas duvidarei sempre de sua possibilidade, porque se compararmos a despeza com a receita da provincia, reconheceremos que ella não comporta um acrescimo de escolas que satisfaça as necessidades da população e do territorio (*idem*).

Apelles afirma que, antes de se falar em obrigatoriedade do ensino, outro problema deve ser resolvido, referindo-se ao salário dos professores. Em 1875, o professor Apelles afirmou que os docentes da Província viviam “na indigência”, que só não passavam fome porque, nas horas de folga, tinham outros afazeres para compensar a baixa remuneração (*idem*). Em pleno 1875, Apelles denunciou a falta de remuneração e o adoecimento dos professores devido ao excesso de trabalho.

Assim como na Revista do Parthenon Literário, no jornal *A Imprensa*, essa temática da instrução pública também foi muito debatida, sendo que, em agosto de 1881, os artigos a esse respeito denunciavam a extinção dos cargos de professores contratados da província, com exceção das colônias. Na educação, as verbas não podem ser cortadas, como justificam os políticos liberais. Segundo a opinião do editor, “os paizes que buscão rápido progresso as aulas abundão mesmo nos mais afastados lugares, aqui nega-se o ensino a que o povo tem direito!” (*A Imprensa*, 4/8/1881, p. 1).

O autor admite que muitos professores não tinham condições de exercer a atividade. Na ocasião, o que precisava um professor era apenas apresentar um atestado; nem sua conduta moral¹¹ era investigada. Entretanto, Apelles reforça que muitos professores atendiam a contento as suas atividades e esta lei, além de deixar as pessoas sem serviço, nega ao aluno o direito de estudar. A denúncia atinge a Escola Normal que, segundo o texto, não forma número significativo de professores por ser desorganizada (*A Imprensa*, 6/8/1881, p.1).

Conforme Tambara (1998, p. 43), “[...] a Escola Normal [...] desde o início, foi um foco de conflitos, tanto de cunho político como de cunho propriamente técnico”. Segundo o professor Apelles, a Escola Normal era um conchavo político e servia aos partidos. E os problemas enfrentados pela

¹¹ A conduta moral dos professores foi negligenciada pelo governo, devido à baixa remuneração oferecida aos docentes; por vezes, quem possuía atributos morais não tinha interesse ao cargo devido ao baixo salário. E assim, para preencher as vagas abertas, alguns maus comportamentos eram tolerados (Tambara, 1998, p. 45-46).

Escola Normal seguem sendo divulgados pelas páginas de *A Imprensa*, havendo boatos de que o ensino é muito fraco. Mesmo assim, Apelles elogia os professores, pois considera alguns “hábeis” (*A Imprensa*, 2/9/1881, p. 1).

Seguindo uma tendência mundial, a profissionalização do magistério era necessária para responder a uma demanda do mercado econômico, que exigia uma mão de obra qualificada e, para tanto, critérios baseados na “ciência pedagógica” (Tambara, 1998, p. 40). Sobre a formação de professores, Tambara (1998, p. 36) salienta “[...] a profissionalização da escola normal significou a consolidação do magistério primário como atividade de segundo nível”.

As irregularidades no governo geravam um sucateamento na educação pública, afetando tanto o ensino como a aprendizagem. As denúncias apontam para um problema que ia além dos baixos salários, mas também a má formação dos professores e a falta de material nas escolas. Segundo Apelles, “[...] a assembleia, no caso de não poder aumentar os vencimentos dos professores, não deve diminuil-os; é preciso que o professor seja considerado de maneira que eleve-se, porque está isso nas conveniências do ensino” (*A Imprensa*, 21/5/1882, p. 1).

Ao longo das publicações no jornal, Apelles não fugiu das brigas políticas, como a travada com Graciano Alves de Azambuja. O organizador da exposição entre o Brasil e a Alemanha, ocorrida no ano de 1881, foi Karl von Koseritz,¹² que era também seu idealizador e Apelles era contrário a essa ideia. Graciano queria defender Koseritz e a discussão se estendeu por meses e houve trocas de farpas nas páginas dos jornais da cidade e fora dela, como no *Jornal do Commercio* da Província de Santa Catarina.

Segundo Apelles, os ataques que vinham sofrendo, ele e o seu jornal, são mentiras publicadas para desqualificar sua imagem, e a todo custo queriam dizer que ele era contra as exposições, o que não correspondia à verdade, porque ele apenas era contra desfavorecer a nação e seu povo em prol de uma outra estrangeira (*A Imprensa*, 3/8/1881, p. 1). Este argumento procurava ferir o seu papel de professor. Desta forma, seus adversários

¹² Estas discussões contrárias à exposição Brasil-Alemanha não ocorreram apenas com o professor Apelles. Outros jornais e personalidades também discordavam do evento. Contudo, a exposição ocorreu em Porto Alegre, de 4 de outubro de 1881 a 5 de fevereiro de 1882, na propriedade de Carlos Trein Filho. Para saber mais sobre a exposição Brasil-Alemanha e sobre a biografia do Karl von Koseritz, ver Weizenmann (2015).

pretendiam diminuir a sua figura. De acordo com o conceito de intelectual mediador, identifica-se, neste sentido, um ponto de relevância, já que

[...] são homens da produção de conhecimento e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social (Gomes; Hansen, 2016, p. 10).

O intelectual mediador não necessariamente foi reconhecido no tempo em que viveu, ou teve unanimidade. Este papel de editor do jornal *A Imprensa* deu a Apelles um perfil diferente dos encontrados nos arquivos pessoais e nas páginas da Revista do Parthenon Literário. Em defesa do seu jornal, Apelles rebate as críticas exaltando o seu periódico,

Porque a 'Imprensa' que não possui proteção official, que não recebe auxilio de partido algum, que não goza de outros favores senão os que a sympathia popular lhe concede expontaneamente, tornou-se em menos de um anno um dos jornaes de maior circulação não só na capital como na província?

[...] porque temos batalhado pelo que é grande, licito e nobre perante o reconhecido patriotismo do povo rio-grandense?

[...] a 'Imprensa' é que tem direito de dizer com orgulho: Eu sou a opinião publica (*A Imprensa*, 3/8/1881, p. 1).

Conforme o editor, o seu jornal representava a opinião pública, tinha visibilidade não apenas na cidade de Porto Alegre, como em parte da província. O alcance do jornal é de difícil conhecimento. De fato, um anúncio do próprio jornal tem a disponibilidade de valores para o envio de exemplares para fora da capital.¹³

A concepção de intelectual mediador, defendida por Gomes e Hansen (2016), envolve vários profissionais que atuam em muitas áreas do conhecimento. O que interessa é a transmissão do conhecimento, como o agente mobiliza as estruturas do conhecimento para atender à comunidade em que estiver inserido. Nesta perspectiva, o professor, o jornalista e o escritor, como foi o caso de Apelles, tem grande relevância no seu papel de divulgador de uma ideia.

¹³ Na Biblioteca Rio-Grandense, encontram-se três exemplares do jornal *A Imprensa* (14/01/1881, 29/10/1881, 30/11/1881).

Como orador e professor, Apelles usou a palavra para mobilizar seus alunos e uma rede de amigos e conhecidos que frequentavam os saraus da Sociedade do Parthenon Literário. Como editor do jornal e escritor, Apelles pôde difundir seus textos e divulgar as ideias nas páginas da *A Imprensa*. O alcance do seu jornal, de suas aulas é algo difícil de dimensionar, mas, provavelmente, as suas palavras venceram barreiras, em um período em que o jornal circulava por meios ainda muito rudimentares, como as embarcações marítimas.

Em uma época em que se iniciavam as discussões sobre formação de professor, e com um baixo poder cultural da grande maioria da população, ser docente tinha um destaque na sociedade. A rede de amizade à qual pertenceu Apelles, a sua inserção em associações culturais e ao movimento republicano, assim como na educação, fazem do pesquisado um personagem singular.

Este tipo de texto e os debates que se originavam destas escritas eram direcionadas para “análises histórico-políticas sobre regimes de governo, questão inquietante e empolgante para o ânimo dos jovens republicanos da Sociedade” (Piva, 2002, p. 20) na busca por aprofundar os seus conhecimentos.

Ter a posse destes textos permite entender as suas opiniões, as ideias, os posicionamentos e as causas que ele defendia. Apelles não vivia em uma “bolha” provinciana. Ao contrário, com seus escritos, compreende-se que era um homem atualizado com o mundo ao seu redor e conhecedor profundo dos acontecimentos históricos. Os textos publicados na Revista do Pathenon Literário e no jornal *A Imprensa*, de alguma forma, apresentam um Apelles mais poético, literário, mas também político e amigo de seus amigos, quando apresenta os discursos, e romântico na escrita de suas novelas.

Conclusão

O intelectual mediador é um homem envolvido com o meio em que vive, integrado à comunidade. Entender estes profissionais e como eles atuaram e, ao mesmo tempo, modificaram o seu entorno, auxilia na escrita da História da Educação. É o caso do professor Apelles Porto Alegre, que teve uma vida dedicada ao ensino, como docente, diretor de colégio e da

instrução pública e como examinador para os exames gerais de preparatórios.

O professor Apelles, desde muito jovem, atuava com a docência. E no ano de 1870, fundou o colégio Rio-Grandense, juntamente com seu irmão Apolinário e o amigo Vasco de Araujo e Silva. No ano de 1875, Apelles assumiu a direção do colégio e permaneceu a sua frente até o ano de 1917, época de seu falecimento. Além deste colégio, atuou no Instituto Brasileiro, nos colégios Souza Lobo, Luis Kraemer e União, na Escola Normal, no Ginásio Júlio de Castilhos. E ainda como professor particular.

A docência foi seu principal ofício. Contudo, na revista do Parthenon Literário, pode-se observar uma versatilidade na escrita de Apelles, que se utiliza de diferentes gêneros literários, como a novela, o conto, a crônica, a poesia, o discurso e o parecer histórico. Desempenhando a função de orador, buscava estar dentro das discussões do período republicano e abolicionista. Dentro do possível, procurava acompanhar os debates culturais, buscava estar atualizado, podendo, assim, desempenhar um papel ativo na vida social da Província.

No jornal *A Imprensa* (1880-1882) e onde, além de proprietário e editor, ainda escrevia, Apelles vislumbrava as ideias que, naquele momento, poderiam ser expressas, seguindo uma tendência nacional. E é esta escrita que se reflete nas páginas do jornal, contra o sistema monárquico e pautado por melhores condições de vida para as pessoas da comunidade, apoiados pelo republicanismo e o patriotismo e em defesa da educação e da moral.

Diante disso, considera-se o professor Apelles um intelectual mediador, como um homem da produção do conhecimento, vinculando a relação político-social que desempenhou na comunidade. Foram quase cinquenta anos dedicados à educação, desenvolvendo a escrita, o jornalismo e integrado à política.

O mediador cria estratégias para atingir seu objetivo de compartilhar conhecimento. No caso do professor Apelles, os seus recursos foram a educação e a escrita, mas também a rede de sociabilidade da qual ele participava, seja com um grupo de amigos, como na sua casa com os irmãos. Estes são os requisitos de um intelectual mediador, transmissor de conhecimento, divulgador de ideias.

Fontes

CARVALHO, B. de; CARVALHO, M. A. de. Colégio União. **A Imprensa**, Porto Alegre, 6/07/1881, p. 3.

DIAS, J. F. **Ilustríssimo Senhor Apelles Porto Alegre**. Destinatário: Apelles Porto Alegre. Porto Alegre, 16 nov. 1887. Carta. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

ENSINO normal. **A Imprensa**. Porto Alegre, ano 2, n 197, 2/09/1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

EXPOSIÇÃO brasileira-alemã VII. **A Imprensa**. Porto Alegre, ano 2, n 172, 3/08/1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Porto Alegre, ano 2, n 173, 4/08/1881, p. 1. **Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa**.

Imprensa [A], Porto Alegre, ano 3, n 73, 21/05/1882, p. 1. **Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**.

INSTRUCÇÃO publica. **A Imprensa**. Porto Alegre, ano 2, n 175, 6/08/1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

JORNALZINHO. **A Federação**, Porto Alegre 22/09/1899, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=apelles&pagfis> Acesso em 26 ago. 2020.

PARA esmagar. **A Federação**, Porto Alegre, 15/09/1899, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=apelles&pagfis> Acesso em 26 ago. 2020.

PILLA, R. **Palavras de um Professor**: discursos e escritos. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

PÔRTO ALEGRE, A. **Apolinário Pôrto Alegre**. Pôrto Alegre: Editora Thurmman, 1954.

PORTO ALEGRE, A. **Centenario de Camões**: Discurso pronunciado em 9 de Julho de 1880 na festa comemorativa do tricentenário do grande epico portuguez Luiz de Camões pelo Segundo orador do Parthenon Litterario Apelles Porto Alegre. Porto Alegre: Typ. da Imprensa 1881.

PORTO ALEGRE, A. Chronica. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 1, n. 1, 3ª série, p. 22-24, 15/08/1877. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenonlitterario/revistas.html#1874>. Acesso em 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, A. Discurso: Pronunciado no 17º sarão do Parthenon Litterario pelo Sr. Apelles Porto Alehre – Ensino Livre. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 4, p. 72-82, fev. 1875. Disponível em:

<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenonliterario/revistas.html#1874>. Acesso em 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, A. **Homens Ilustres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Erus, 1917.

PORTO ALEGRE, A. O agradecimento de D^a Amelia Porto Alegre. In: TORELLY, T. P.; CARVALHO, A. (org.). **Á memória do professor Apeles Porto-Alegre**: Homenagem promovida por seus admiradores e antigos alunos. Porto Alegre, 1944, p. s/n.

PROGRAMMA DOS ESTUDOS E REGULAMENTOS DO COLÉGIO RIOGRANDENSE. Apelles Porto Alegre. Porto Alegre: Typographia da Agencia Litteraria, 1892. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

TORELLY, T. P.; CARVALHO, A. (org.). **Á memória do professor Apeles Porto-Alegre**: Homenagem promovida por seus admiradores e antigos alunos. Porto Alegre, 1944.

Referências

AGUIAR, L. T. de. **A poesia de Apolinário José Gomes Porto Alegre**: recuperação e estabelecimento de texto. 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <http://meriva.pucrs.br:8080/dspace/handle/10923/4004> Acessado: 28 out. 2017.

ARRIADA, E. **A Educação Secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: a desoficialização do ensino público. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos Permanentes**: tratamento documental. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GOMES, A. de C.; HANSEN, P. S. Apresentação – Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, A. de C.; HANSEN, P. S. **Intelectuais Mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.

HESSEL, L. F. *et al.* **O Partenon literário e sua obra**. Porto Alegre: Edições FLAMA/SEC/RS, 1976.

HOBBS, C. O caráter dos arquivos pessoais: reflexões sobre o valor dos documentos de indivíduos. In: HEYMANN, L.; NEDEL, L. **Pensar os arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 261-274.

KRAEMER NETO. **Nos tempos da velha escola...** Porto Alegre: Editora Sulina, 1969.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LUCHESE, T. Â. Modos de Fazer História da Educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. **História Educação** [Online], Porto Alegre, v.18, n.43, p.145-161, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/heduc/v18n43/09.pdf>. Acessado: 18 set. 2015.

MARLETTI, C. Intelectuais. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992. p. 637-640.

NÓVOA, A. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria & Educação**. Dossiê: Interpretando o trabalho docente, Porto Alegre, Pannonica Editora, n. 4, p. 109-139, 1991.

PIVA, M. L. A Sociedade Partenon Literário e sua Revista. In: MOREIRA, M. E. (Org.). **Narradores do Partenon Literário**. Porto Alegre: IEL: Corag, 2002, p. 17-25.

PROST, A. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SIRINELLI, J-F. As elites culturais. In: RIOUX, J-P.; SIRINELLI, J-F. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p.259-278.

SIRINELLI, J-F. Os Intelectuais. In: RÉNOND, R. (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.231-270.

TAMBARA, E. **Positivismo e Educação**: a Educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1995.

TAMBARA, E. Profissionalização, escola normal, e feminilização: Magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas: p. 35-57, abr. 1998.

TAMBARA, E.; ARRIADA, E. Charla sobre o entrelaçamento de idéias pedagógicas no Rio Grande do Sul – Século XIX. **Encontro Sul-RioGrandense de Pesquisadores em História da Educação**, 22, 2016, Bagé. Anais de 22º Encontro da ASPHE. Bagé: UNIPAMPA, 2016, p. 461-478.

TILL, R. **Monumentos de Porto Alegre**: ensaio histórico e crítico. Fotografias de Raquel Pacheco Till. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

WEIZENMANN, T. **“Sou, como sabem...”**: Karl von Koseritz e a imprensa em Porto Alegre no século XIX (1864-1890). 2015. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2524>. Acessado: 24 abr. 2022.